

5

61

SERMÃO
DE
ACÇÃO DE GRAÇAS
PELO RESTABELECIMENTO
DA
MONARQUIA INDEPENDENTE,
PRE'GADO
NA
IGREJA DE N. S. DA GRAÇA DE LISBOA
NA FESTIVIDADE QUE FEZ O
SENADO DA CAMARA
A 27 DE NOVEMBRO DE 1823:
POR
JOSE AGOSTINHO DE MACEDO,
PRE'GADOR
D'EL-REI NOSSO SENHOR.



LISBOA:
IMPRESSÃO DA RUA FORMOZA N.º 42.

1823.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

PHYSICS 101

LECTURE 10

1921

LECTURE 10

LECTURE 10

LECTURE 10

LECTURE 10

LECTURE 10

1921

LECTURE 10



PHYSICS 101

LECTURE 10

1921

62
12th Street
10 - Jul -
1924

S E R M A Õ
D E
A C Ç Ã O D E G R A Ç A S

Pelo restabelecimento da Monarquia independente, prégado na Igreja de N. S. da Graça de Lisboa, na festividade que fez o Senado da Camara a 27 de Novembro de 1823.

~~~~~

*Laqueus contritus est, et nos liberati sumus.*

David.

S E N H O R :

**A**os acenos da Divina Omnipotencia surgem, se dilatão, e se conservão os Imperios, e os Thronos: aos acenos da Divina Omnipotencia se alterão, se desorganisão, e por fim se abysmão em o nada os Thronos, e as Monarquias. Se os Quadros da Historia do Mundo nos não manifestassem estas verdades, os Oraculos da Religião nos deixarião inquestionaveis estes axiomas. Eu nada tão claramente descubro como a immediata acção da Providencia sobre estas humanas associações vinculadas pelo natural sentimen-

to de sociabilidade dado por Deos ao coração do homem. Dois séculos antes que exista, chama o Immortal pelo seu nome a Cyro, para lhe dar com o Imperio de Babylonia o character augusto de Libertador do seu Povo, exaltando-o, e ennobrecendo-o com o titulo de seu Pastor, que conduzindo a Nação Santa á herdada, e perdida terra preenchesse os decretos, e disposições de sua vontade, firmando aquelle decreto que mandava outra vez levantar os muros, e o Templo, de Jerusalem: — *Qui dico Cyro, Pastor meus es et omnem voluntatem meam complebis.* São, Senhor, os mesmos Oraculos das Escrituras, que nos dizem que Deos mandára retalhar e dividir o Imperio da Palestina, quando pela divisão das Tribus se levantou o Throno de Joroboão, e se apoucou, e diminuiu tanto a gloria, e o dominio do filho do mais sabio dos homens. Hum Profeta, enviado pelo mesmo Deos, rasgando, e separando em doze porções iguaes o proprio manto, que o cobria, fez conhecer a Roboão, que o Senhor lhe deixava apenas o commando de duas Tribus, entregando as dez ao seu rival no Throno, que era até alli seu humilde, e obediente vassallo. O coração dos Reis, a vida, e a soberania dos Reis estão depositados nas mãos do mesmo Deos porque não ha poder, authoridade, dominio, e Magestade, que não venha, e não proceda immediatamente de Deos. Se isto não quer a vã, e orgulhosa Filosofia do seculo, isto declarão ao nosso entendimento, e disto convencem a nossa razão as Santas Escrituras, cuja prova de Divindade he a infallivel certeza de seus vaticínios.

Fitemos com respeito os olhos nas sagradas paginas da Profecia de Daniel: que vemos, e admiramos mais que a acção da Providencia na creação, elevação, e deca-

dencia dos quatro mais vastos Imperios, que o Mundo vira! Póde o homem dar-lhes as Leis depois defeitos, só Deos póde antever sua futura existencia. Vede se encontrais esta antevista nesses depositos da sabedoria humana com que a douta Grecia, e depois a dominadora Roma enriquecerão a Terra? Alli achareis as Leis de Minos, as de Lycurgo, as de Solon, e as de Numa, vereis os meios de que se servirão huns para assoberbarem, e dominarem os outros: vereis o que se chamão prodigios do valor, da prudencia, e da Politica; vereis unicamente homens, e não encontrareis a Deos, se não quando volverdes os olhos para os seus immudaveis, e impreteriveis oraculos; então conhecereis, que sendo elle o Rei dos Reis, e o Senhor dos Imperantes, se liga por sua vigilante Providencia a todos os Thronos, e a todos os Imperios. *Omnis Potestas a Deo est.*

Este enlace sensível da Providencia, esta acção constante de hum Deos Senhor de todas as coisas sobre a origem, conservação, e decadencia das Monarquias, não só he sentida no movimento, ou na impulsão geral de que ellas pendem; tambem se emprega, e se aplica a ver na direcção particular de cada huma dellas, fazendo sempre marchar sua ventura, e prosperidade a par de sua Religião, e virtudes. Nós não temos hum typo mais seguro desta verdade que o cuidado especial, que Deos mostrara para com aquella Nação a quem o Senhor se dignara chamar seu Povo. Foi Deos quem o constituiu dando-lhe a Lei primordial; porque os homens poderão agitar-se, revolver-se, ou revolucionar-se, mas nunca poderão constituir-se; esta acção he privativa de Deos: foi Deos quem lhe affiançou pela observancia desta Lei a perpetuidade da paz e da

ventura; foi Deos quem o ameaçou com a desgraça, e com a revolução pela infracção desta mesma Lei; não tiveram outro motivo, nem o cativoiro de Babylonia, nem a dispersão universal, quando depois as armas de Tito forão os instrumentos das eternas vinganças do mesmo Deos.

Destas verdades tão consignadas, e tão expressas nos Livros Santos passemos, Senhor, a considerar tambem a acção da Providencia sobre este feliz Reino, em cujo excelso Throno a mão do mesmo Deos tem tão milagrosamente sentado a Vossa Magestade. No seu berço, nos seus progressos, na sua maturidade, e na sua gloria he Deos quem o conduz sempre com huma vigilancia, e amor de hum Pai para com seus filhos, de hum Pastor para com o seu rebanho; e o clamor desta verdade eu o escuto por todas as paginas de nossos antigos, e modernos Factos, quando a fatal Hydra das revoluções, e das conspirações tem golphado seu veneno sobre este Imperio. Então se deo a vêr mais claramente, e nos podemos considerar em hum estado de verdadeira Theocracia, ou immediato dominio da Providencia, que salva a Nação, e salva o Rei; a Nação, regenerando-a para huma esperança de felicidade perfeita; o Rei, firmando-lhe o Throno nas bases da independencia, e nas verdadeiras attribuições da Soberania. Vamos reconhecer no motivo do agradecimento, que a Deos damos, a verdade que vos annuncio. *Laqueus contritus est, et nos liberati sumus.* Quebrarão-se as cadêas de nossa escravidão, e somos livres. Esta Liberdade, que conseguimos, he o maior beneficio que das mãos de Deos recebemos. Senhor, vós o vereis na mais clara, e elucidada deducção de factos. Esta Liberdade, e verdadeira regeneração que conseguimos, he o maior benefi-

cio, que das mãos de Deos recebemos; nós lhe devemos dar hum proporcionado agradecimento, nós o encontraremos no seio da Religião, e junto aos degrãos do Throno de Vossa Magestade.

Como eu fallo dos testemunhos da Providencia diante dos Reis da Terra, tambem tenho a esperanza de não ficar confundido. *Loquebar de testimoniis tuis in conspectu Regum, et non confundebat.* Sombra augusta do Grande Agostinho, ou mais depressa fulgorantissima Luz de todos os Sabios, vinde cercar-me, e sustentar-me. Vós sentistes todo o pezo dos cuidados quando devieis recitar em Milão o Panegyrico de Valentiniano; o empenho em que estou ainda he mais pezado. Devo fallar das maravilhas de Deos diante de hum Monarca em quem reluz ainda mais admiravel a piedade e a Religião de Theodosio; ora que junto á fonte da Eterna Sabedoria vos contemplo no Ceo, pedi que hum raio só desta Luz ineffável, venha de tal arte inflammar a minha alma, que as palavras sejam minhas, mas o espirito vosso, porque só com o vosso espirito poderei fallar dignamente diante do mais amavel, e perfeito de todos os Monarcas. — *Comecemos.* —

He tão medonho, e espantoso o quadro das desgraças humanas, que o não podemos encarar sem bramir de horror, obrigando-nos a mesma Natureza a desviarmos del-le apressadamente os olhos. Nós podemos todavia classificar estes mesmos males, primeiro na ordem fysica do Mundo, segundo na ordem moral das sociedades humanas. Assim mesmo são representados nas paginas da Historia. Alli vemos inundações quasi-universaes, para não lembrar a geral catastrophe do diluvio, que he especial golpe da Divina Justiça. Alli vemos aquelles espantosos terremotos, que abalando o seio da Terra e sacodindo os montes, tem sepultado no abysmo Reinos, Cidades, e inteiras gerações. Alli vemos o halito da pestilencia de tal maneira espalhado pela terra, que as tres partes de seus habitadores tem sido victimas da mais horrorosa morte, sem que o flagello exterminador se suspendesse pelo espaço de vinte annos. Alli vemos a foice da morte segando indistinctamente todas as idades, todos os sexos, todas as condições nas ancias, e nas angustias da horrivel fome, estendidas não só aos homens, mas aos animaes brutos, que parece ao profundo pensador, que a maior parte dos entes está destinada a acabar de morte violenta. Theatro do mal ficou a Natureza depois que foi theatro da culpa.

Se contemplo as Sociedades humanas em seu estado moral, basta-me para cahir n'hum pélago de horror, e tristeza a contemplação do flagello, que se chama a guerra. Eu lhe darei outro nome, e lhe chamarei o tumulo universal da humanidade, a arma mais poderosa, que o pec-

cado poz nas mãos da morte!! A Guerra!! Ah! nunca esta infausta sombra venha enlutar os vossos horisontes. Senhor, deixai-me levantar hum pouco este luctuoso véo, e sede hum Rei pacífico. Povo Portuguez, temei este monstro devorador. Só vos arme os braços a guerra do *Senhor: ad præliandum bella Domini*: só quando a Religião fór atacada, e o Throno offendido, defendei-vos: nunca provoqueis a guerra, repelli os aggressores da guerra. A guerra; este o maior flagello do Mundo moral! Vede, Senhor, e he preciso não contemplar só hum ponto do Globo que habitamos, mas he preciso estender a vista áquella longa serie de matanças que tanto enxovalha as paginas da Historia. Fixemo-nos na época da declinação da Republica Romana. Mario extermina em huma só batalha duzentos mil Cimbros. Mithridates fez degollar de huma vez só oitenta mil Romanos. Sylla degolla noventa mil homens em huma só batalha dada na Beocia. Olhai agora para as guerras civis, e para as proscipções. Cesar fez morrer hum milhão de homens nos campos da batalha; Alexandre antes d'elle tinha ganhado esta funesta honra; Augusto fechou por hum instante o Templo de Jano, mas logo o fez abrir para seculos, estabel cendo o desgraçado Imperio electivo. No Imperio do que se chama optimo, e virtuoso Tito, morrem hum milhão, e cem mil homens na destruição de Jerusalem: *Undecies centena millia Judecrum periere*, (como nos diz hum grave escriptor Ecclesiastico.) A destruição da especie humana feita pelas armas de Roma he verdadeiramente espantosa. No Baixo Imperio ainda se descobrem mais horrores, e maiores estragos da guerra. Licinio perde vinte mil homens em Cibalis, trinta e quatro mil em Adrianopoli, e cem mil em Chrisopolis. As Nações do Norte marchão; os Francos, os Hunos, os Godos,

os Lombardos, os Vandalos atacão o Imperio, e o despeção. Attila põe a Europa a fogo, e a sangue. Os Francos lhe matão mais de duzentos mil homens junto a ha-  
 lous, e os Godos em a seguinte campanha lhe causão ainda maior perda. Em menos de hum Seculo, Roma foi entrada, e saqueada tres vezes. Os Godos se assenhoreão de Milão, e nesta Cidade matão trezentos mil habitantes. Mafoma apparece, e o Alfange, e o Alcorão, correm os dois terços do Globo. Os Sarracenos correm desde o Eufrates ao Guadalquivir, arrazão até aos alicerses a immensa Cidade de Syracusa. Nas planicies de *Tours* Carlos Magno no meio de trezentos mil cadaveres junta a seu nome o epitheto terrível porque ainda hoje he conhecido. Vede as Cruzadas, a Europa toda se precipita na Asia; fogem ao calculo as victimas que perecêrão. Gengiskan, e seus soldados subjugão, e despovoão o Globo desde a China até á Bohemia... Napoleão submerge a Europa em sangue, é sepulta a França nos espantosos, e gelados ermos da Moscovia....

E depois de tantos males que anniquilão a especie humana, posso eu considerar outro maior? Sim, eu o considero, e nós todos o temos sentido; he a experiencia actual quem nos faz conhecer tão antiga desgraça: As Revoluções, que são o germen mais fecundo das guerras assoladoras, as revoluções systematicas. Eis-aqui a ruina dos Imperios; eis-aqui a sepultura das Nações. Não consideremos todas, consideremos huma só que a todas excede. Os mesmos elementos que a produzirão, são aquelles de que se compaginou aquella de que a Divina Bondade tão milagrosamente nos quiz arrancar. A Revolução Franceza; eis-aqui aquella bomba que rebentando no meio

das Sociedades, e despedindo a toda a parte mortiferos estilhaços, levou o transtorno, e a dessolação a todos os Povos. Este quadro vos he patente, lancemos neste dia, que he de triunfo Religioso, hum véo espesso sobre elle. Cada gota de sangue do Real Martyr custou torrentes de sangue á França. Quatro milhões de Francezes pagáão com a sua cabeça o grande crime Nacional de huma insurreição anti-religiosa, anti-social, e coroada com hum Regicidio.

Todas as revoluções, que tem transtornado a Terra por tantos, e tantos seculos, não tiverão nem os motivos, nem os instrumentos, nem os fins, que teve a revolução Franceza, modelo exactissimo da chamada Regeneração de Portugal. Fazer passar os Sceptros de humas a outras mãos, eis-aqui o que se vio muitas vezes em Babilonia, o que se vio na Persia, o que mil vezes se repetio em Roma, onde sempre se esqueceo o solidissimo principio da legitimidade hereditaria. Isto vio o Mundo ainda mais vezes depois que a Séde do Romano Imperio se transferio para o Oriente, e Constantinopla representou na Terra o que havia representado Roma. A tudo isto nós podemos chamar mais conspirações, que revoluções. Tratava-se da mudança de hum Imperante, ou de huma Dynastia, passando sempre intacta, e inviolavel a primitiva Constituição, ou Lei fundamental do Estado. As guerras, e as desgraças da Hespanha no principio do seculo decimo oitavo, tiverão por motivo unicamente a successão áquelle glorioso Throno, e nesta Luta se envolveo a Europa inteira. O mesmo se havia observado no dilatado periodo de quarenta annos sobre a posse da Hollanda, e de Flandres em que tanto sangue Hespanhol, e Bátavo se derramou.

Buscava-se pelo ferro, e pelo fogo dar hum novo Senhor á Terra, mas nunca huma nova Constituição. Até na usurpação, e tyrannia de Cromwel se deixou intacta a Grande Carta, que tem feito tão segura a gloria, e a independencia da Grã-Bretanha. Não foi esta a indole, ou o character da Revolução Franceza; suas vistas, e seus fins forão a desorganisação total de todos os elementos da Religião, da Soberania, e da Sociedade; foi, para o dizer em huma só frase, a ruina do Mundo, e sobre seus estragos levantar o quimerico Throno da igualdade, e da liberdade, proscrevendo, e eliminando todas as Leis fundamentaes por cuja observancia se perpetuavão as sociedades humanas. Estes nefandos resultados não tiverão outro principio mais que huma systematica incredulidade, ou aquelle espantoso Atheismo, que he a baze fundamental da *iluminada associão!*

Consideremos hum pouco as consequencias miserandas deste projecto concebido ha tantos annos, e que se agitava, e revolvía nas trevas, para me servir das imagens da Santa Escritura: *A negotio præambulante in tenebris*. A subversão geral de todos os Povos civilizados, o abalo de todas as Monarquias, a proscripção de todos os direitos, a confusão de todas as classes, a espoliçãõ de todas as propriedades, o desprezo sacrilego de todos os signaes de Religião, a corrupçãõ universal dos costumes purificados pelo Christianismo, a propagação daquellas idéas exaltadas pelo liberalismo, e que se desenvolvêrão até nos individuos mais miseraveis, obscuros, e ignorantes do corpo civil. Isto, Senhor, e a força das armas sustentadas, ou precedidas sempre da seducção e da perfidia, das falsas promessas, e manifestos enganos, reduzirão a Europa ao es-

tado em que a vimos, e sempre lastimaremos. Da propagação da seita demagogica se derivou a propagação dos principios, e dos effeitos; universalisando-se o contagio, porque tambem se universalisárão os instrumentos, e os meios. Isto sentio a Hespanha que acaba em ultimo lugar de arrojarse de seu pescoço o jugo, e de desatar os vinculos de seu cativoiro. Isto sentio Napoles, e Sardenha; isto finalmente veio a sentir Portugal, dando-se-lhe huma vergonhosa copia da mesma Revolução Franceza, para que entre nós as mesmas causas produzissem os mesmos effeitos.

Este foi, Senhor, o maior mal de que os Portuguezes podião ser victimas, flagello desusado, e novo, por nós sempre desconhecido. Podérão algumas vezes conspirar-se os Portuguezes, mas nunca revolucionar-se. Eu não posso chamar revolução a acção heroica de 1640, foi o grito da honra que obrigou quarenta homens a reclamarem os Direitos da Legitimidade depositados por herança, e successão na Augustissima Casa de Bragança, ficando sempre intacto o sagrado deposito da Lei primordial, ou Constituição politica da hereditaria Monarquia. A revolução nunca em Portugal teve exemplo, e nunca o terá mais; e assim como foi hum mal desconhecido, foi tambem a maior de todas as desventuras, e a sua destruição o maior beneficio da bondade infinita do nosso Redemptor. Tinha Deos promettido aos Israelitas, Povo com quem o mesmo Deos pacteou, que nunca lhes saltaria hum Soberano que os governasse conforme a mesma Lei, que o Senhor lhes havia dictado. *Non deficiet ex te vir, qui regat Populum meum Israel.* Esta mesma promessa se verificou sempre em Portugal ainda com maior gloria. Não houve huma desgraça só, a que o Senhor não acodisse conservando-nos

sempre em nossos legitimos Monarcas huma imagem, e representação sua. Recorramos pela imaginação esta serie nunca interrompida de prodigios, para formarmos huma cabal idéa do beneficio presente.

Quem considerar attenta, e religiosamente a Monarquia Portugueza em seu berço, despertar-se-lhe-ha desde logo a idéa de huma Theocracia, porque se lhe fará patente o immediato influxo de Deos sobre esta Nação privilegiada; não porque o Senhor por huma manifesta revelação o haja assim declarado, mas porque se fez desde logo sensível seu paternal cuidado sobre a conservação, e gloria de seus Monarcas, pois parecem escolha sua como foi Moysés, e Josué para governarem o Povo de Israel. Quando Gedeão combate com poucos soldados numerosos exercitos, elle os vence, e os derrota, porque a espada que empunhava era sua, e era de Deos, sendo huma só. — *Gladius Domini, et Gedeonis.* — A espada que Afonso Henriques empunhava tambem era de Deos, e o Senhor o livra no maior apuro do maior perigo, e o Senhor dos exercitos derrota os exercitos de cinco Potentados no momento que lhe ameaçava total ruina. Que maior perigo, e que maior desventura para os Portuguezes, que verem captivo o seu Monarca, e prezo por seus inimigos dentro das fortes muralhas de huma Cidade então defensavel, e quasi inacessível como era Badajoz? Do coração do opprimido Monarca sahe aquelle clamor de confiança que sahe do coração de David, — *Memento, Domine, David, et omnis mansuetudinis ejus.* Deos o escuta, e lhe dá milagrosamente a liberdade, e a gloria. *In die mala liberavit eum Dominus.* Com a pessoa deste magnanimo Rei, e triunfal conquistador se salva a Nação, que começou a prosperar,

Quando das mãos do mesmo Monarca recebeu *aquella Lei primordial*, que não he mais que a inspiração da Natureza, sancionada pela Religião. Este he no primeiro Rei, o primeiro ensaio da Divina bondade sobre este Reino já estabelecido, e declarado herança do mesmo Deos no momento em que lhe dava a mais illustre victoria contra seus inimigos, e o salvava do opprobrio de ser hum feudatario do Rei de Leão.

Contemplemos seu filho, o batalhador, ou lida-  
dor Sancho I. Se o furor Sarraceno se liga para recobrar  
o terreno perdido, e a conquistada herança da Lusitania,  
não só dos limites do Reino ainda possuido pelas forças  
Mauritanas, mas das vastas Provincias da Andalusia e  
dos Reinos de Murcia, de Valença, e de Granada rom-  
pem ferocissimos exercitos, que assolando todo o terreno entre  
o Tejo, e Guadiana, vem parar, e acampar-se na margem  
esquerda do mesmo Tejo debaixo do propugnauculo, e escar-  
padas muralhas de Santarem... Santarem!! lugar destinado  
para gloria dos Infantes de Portugal!! Novas cadêas se for-  
jão a Portugal ainda em seu berço, e hia a espirar a in-  
dependencia da Nação na mesma Aurora da sua existen-  
cia. Assim o soberbo Sennacherib vem sitiár, e escalar os  
muros de Jerusalem. Deos se lembra de Israel, e manda  
ao Anjo exterminador, que em huma só noite dê a morte nos  
mesmos Arraiães de Sennacherib a muitos milhares de com-  
batentes. Deos se lembra da sua bondade paternal, e, co-  
mo ao Anjo exterminador, manda a Sancho, que acom-  
metta os Sarracenos em seus mesmos val'os, e trincheiras,  
e a mesma victoria que déra nas campinas de Ourique a  
Affonso, concede a Sancho nas margens do Tejo, com tan-  
ta confusão entre os exercitos Agarenos, que não páraõ em

sua precipitada fugida senão nas ribeiras do Guadalquivir, encerrando-os o pavor nas muralhas de Sevilha.

Que he isto, Senhor, senão o braço do Omnipotente, que se empenha em fazer tanto maiores beneficios a Portugal, quanto maiores são seus perigos, e suas desgraças? Não contra a Lei fundamental, ou pacto primitivo da Nação, não contra as instituições, e usos antigos, não contra as jerarquias, e prerogativas das classes, que harmoniosamente concordarão entre nós a totalidade do Povo, vejo no Reinado de D. Sancho II. dividido em bandos, e facções o Reino todo, não para proscreeverem a Reinante Dynastia, ou darem nova fórmula á Monarquia absoluta, porque ainda a Filosofia tenebrosa não tinha corrompido os corações, nem alterado o character Portuguez, mas para reprimirem a prepotencia de Privados que abusavão da bondade, e condescendencia Real, e podemos dizer que até áquella época não tinha chegado o Reino a crise mais terrivel, ou, para melhor dizer, a hum mais perigoso apuro. (Huma imagem sua se descobrio no mesmo Reino em os dias do Senhor D. Affonso VI.) Mas a Divina bondade, quanto maior era o risco mais prompto lhe trouxe o remedio, chamando desde Bolonha de França a D. Affonso III., irmão do excluido Monarca, sem que os Portuguezes cortassem o fio permanente da successão, e da legitimidade. Mantiverão-se as Ordens do Estado, e sustentou-se pura, e intacta a Religião. Foi este o lance em que mais claramente se manifestou sobre nós o braço da Omnipotencia. *Et brachium Domini cui revelatum est!* Aos Portuguezes, e de tal maneira, que todas as outras Nações nos podem olhar com admiração, e com inveja per tão singulares privilegios. E sendo este tão grande beneficio, não foi ainda o maior.

Chegamos, Senhor, com a contemplação ao tempo em que devisamos no Reino de Portugal a mesma triste imagem que vio o Reino de Israel nos dias de David, e de Absaão, quero dizer, quando hum filho ingrato, e desobediente se armou contra seu mesmo Pai, e se constituiu á frente dos rebeldes vassallos para lhe disputar, e usurpar o Imperio. Vós sabeis que eu vos fallo de Diniz, e do Principe D. Affonso seu filho, que depois foi D. Affonso IV., e pelo seu estremado valor, e pericia militar cognominado o Bravo. Nunca mais pezado luto cobrio o Reino, nunca esteve mais perto da voragem em que retalhado se precipitasse. Já se avistavão as contrarias Hostes, já se desembainhavão as espadas, brandião as lanças, e talvez que o pavoroso som da trombeta tivesse dado o primeiro signal para o profano ataque. Pai das misericordias, parece que ou vos esqueceis, ou abandonais a vossa herança. Aniquilasse o Reino se vós não acodis com o vosso paternal amor!

Sim, elle acodio, e o instrumento deste prodigio da Divina bondade, foi a celeste Isabel, que como Iris da paz, e da alliança constituída entre os esquadrões armados e prontos a derramarem o sangue fraternal, fez depôr as iras, fez abater-se humilde aos pés do pai offendido o filho rebelde, ingrato, e desobediente. Os que erão dois exercitos contrarios, não são mais que huma multidão de amigos que se abração. Quanto mais eminente estava o perigo, mais pronto desceo dos Ceos o remedio, e sendo este hum tão grande beneficio, não foi ainda o maior.

A que infeliz época chegamos depois da morte de D. Fernando, filho do justiceiro e severo Monarca D. Pedro I.! He a mais terrivel para os Portuguezes, porque

hão deixar de ser Nação, e a não terem hum Monarca, que fosse seu. Este he o golpe mais fundo, e mais sensivel para o coração Portuguez, porque perdendo seu Monarca natural, perde seu pai verdadeiro. Expira El-Rei D. Fernando sem successão varonil, porque sua unica filha tinha sido dada em matrimonio ao Monarca da Hespanha. Eis-aqui o Reino em huma espantosa oscillação. De hum lado está viva, e de pé a Lei radical, ou fundamental de Lamego, que manda que a unica filha do Rei caze com hum Senhor deste Reino, para que elle não passe aos estranhos, modificando-se assim com a prudencia daquelles ingenuos tempos o rigor da Lei Sálica; de outro lado está hum exercito poderoso, que, sustentado na Lei da força, tambem allega a da successão pela herança da Rainha. A este baluarte estranho quasi insuperavel se ajunta outro domestico não menos invencivel. Divergem os Portuguezes, e entre si se combatem com diversas opiniões. Uns querem hum Rei natural, outros suguitar-se a hum estranho! Oh Deos clementissimo! Levantai-vos, Senhor, e ajudai-nos . . . Não tarda em descer dos Ceos o Divino beneficio, as promessas devem cumprir-se: *Non deficiet ex te vir, qui regat Populum meum Israel.* Hum esforçado Macabeo surge para libertar a Patria; parece que do Ceo desce a mesma espada que o Profeta Jeremias tinha dado áquelle valente Capitão, para obrar com ella os mesmos prodigios, alcançar as mesmas victorias, ou ainda mais illustres, egloriosas. Em huma só batalha o invicto Senhor Rei D. João I. consegue muitos triunfos, e a Divina bondade tira do abysmo, em que já estava como sepultado, este ditoso Imperio, e naquelle momento ainda mais ditoso, porque se hão lançar os alicerces á Augustissima Dynastia de Bragança. He este hum singular e mui grande beneficio; mas ainda não he o maior.

Quanto as dissensões domesticas são mais funestas que as guerras estranhas, tanto he mais difficil suffocallas, e destrullas, porque parecem armadas não só de constancia mas de pertinacia. A minoridade do Senhor Rei D. Afonso V., que ainda algum dia deve encher de terror a Africa, e de assombro o Mundo, a Tutoria, e o Governo do Infante D. Pedro, são como os elementos de huma discordia lastimosa, cujos resultados serão o sangue Portuguez derramado; e derramou-se em torrentes: nos campos da Alfarrobeira alvejam ainda os descarnados, e ressequidos ossos; talvez que o agudo ferro do arado abrindo os sulcos da terra, ainda desenterre grévas, murriões, lanças, e espadas, permanentes, e successivos testemunhos daquelle funesto estrago. Deos quiz castigar com elle a desobediencia dos Portuguezes, ou a sua desunião, e infidelidade, e desobediencia ao Throno do Legitimo Monarca. Passou n'hum instante este meteoro destruidor, satisfez-se a ira celeste, e firma de tal arte o Throno de El-Rei D. Afonso V., que o pôde até levantar sobre as abatidas muralhas de Tangere, e de Arzila, patenteando-lhe tão grande porção da costa Occidental da Africa, e facilitando-lhe além disso pelo Atlantico os descobrimentos, que franqueou a conquista de Guiné ao seu afortunado Successor, o prudente, o justo, o sabio Monarca D. João o II. Foi este hum dos grandes beneficios da Divina bondade para com este Reino depositario da Fé; mas ainda não foi o maior, ainda que consideremos o beneficio da reversão do mesmo Monarca D. Afonso V. para este Reino depois da sua viagem, e peregrinação a França.

Sobe ao Throno seu inclyto e glorioso filho El-Rei D. João II., o exemplar dos Reinantes, e cujas acções

são huma verdadeira lição da Justiça, da magnanimidade, e da Politica; mas em que apuro, em que funestorisco se viu este predilecto Imperio de Deos, quando assurdas maquinações de alguns conspiradores, poserão em perigo a existencia do Monarca, que pela Lei, e pela Grei, segundo o Timbre de suas armas, queria derramar o proprio sangue? He verdade que duas scenas luctuosas, humana Praça de Evora, outra nos Paços de Setuval, vierão consternar a Nação inteira, e entre lagrimas, e gemidos acaba sua vida o sabio D. Garcia de Menezes, Arcebispo de Evora, nas sombras de hum profundo calabouço na Torre de Palmella, perdoando-lhe o Rei a morte como fizera Salomão ao Summo Sacerdote Abiatar, porque era sagrado — *Quia portasti arcam Domini*. Entre estes estragos brilhou mais a infinita bondade do Senhor, firmando depois mais gloriosamente a segurança, e a independencia do Throno Portuguez, e se o Monarca prematuramente expira, os Juizos de Deos são hum abysmo insondavel, e incomprehensivel. Sendo tão manifesto este beneficio da tranquillidade do Reino na extincção de tantas facções, e bandos, ainda não he o maior que das mãos liberalissimas de Deos recebemos; ainda nos restão maiores prodigios.

Não escutados os direitos da nomeação do Duque D. Jorge á successão ao Throno, Deos chama milagrosamente ao Solio Portuguez o filho do Infante D. Fernando, o afortunado Rei D. Manoel; e elle se constituiu, e sancionou nas Córtes de Monte-Mór o Novo, por sua mesma Soberania convocadas. Que prodigiosos forão os beneficios que a Divina Bondade fez a este Reino com a legitima acclamação deste Monarca! Basta que meditemos hum pouco sobre os caracteres gloriosamente gravados

nos marmores da sua sepultura. Este foi o que da praia Occidental da Lusitania levou ao mesmo berço do Sol, o nome, e o conhecimento de Deos. Isto bastaria; mas Deos quiz realisar-lhe as promessas que havia feito a Cyro nos vaticinios de Isaias. *Tot Reges victi cui submitere Thiaras*, nos diz o Epitafio de seu mausoléo. O que de tal maneira coincide com as promessas feitas a Cyro, que a minha alma se espanta sempre com esta identidade: — *Dorsa Regum vertam, et dabo tibi thesauros absconditos: portas arcas confringam, et vectes ferreos*. Abrião-se as bronzeas, e cerradas portas do Oriente, deo-se-lhe a posse da Asia, e sempre a victoria contra seus dominantes. Encheo se o Reino de thesouros de tantos Reis combatidos, e debellados, dilatárão-se ou ensanchárão-se os Limites do Imperio com o descobrimento, e conquista de tantos mares, e de tantas terras, com o conhecimento e communicação de tantos Povos até alli desconhecidos, e ignorados da Europa, nem sabidos, nem presumidos dos antigos sabios do Mundo. Buscarão as alianças de amizade, e sangue com este Monarca os maiores Principes da assombrada Europa, e chegou Portugal ao ultimo fastigio da sua representação, e da sua ventura. Parece que estão de todo exhaustos os thesouros da Divina bondade sobre este Reino? Pois ainda não he este o maior beneficio que dos Ceos havemos recebido. Estes se manifestão não tanto na gloria que alcançamos, como nas desgraças que evitamos, porque as sombras fazem ainda mais resaltar as luzes neste quadro portentoso.

Sessenta annos de estranha dominação, e de pesado captiveiro parece que de todo havião fechado na sepultura a independencia, e a Soberania dos nossos legitimos, e naturaes Mo-

narcas. Assim começou a permanecer o Reino depois da morte do Cardeal e Rei D. Henrique, irmão do piedoso, e glorioso Monarca D. João III. A Política profunda, ou a malícia consumada de seu primeiro possuidor estranho começou de atenuar e enfraquecer este Reino, para que a sua mesma debilidade fosse hum obstaculo invencível á nossa natural aversão, ou resistencia, e com a maxima do antigo Tyranno de Roma, que mandava segurar o Imperio na divisão, dividio, e separou as nossas forças, para fazer mais permanente o seu dominio: esta vereda seguirão os dois Principes que lhe succederão. Desde esta fatal época decresceo o nosso Imperio na Asia, chegando as côres de Hollanda a tremular nas Torres de Malaca, onde até alli se tinham gloriosamente despregado aos ares as vencedoras Quinas Portuguezas. Estas mesmas armas de Hollanda vierão depois assoberbar, e opprimir os vastos dominios Americanos. Oh fatal vicissitude da humana grandeza! Na dominação dos sessenta annos, o poder, e a magestade de Portugal não se encontra mais que em as paginas de sua antiga Historia. A sua existencia he, na ordem politica, semelhante áquellas Regiões vizinhas ao Polo na ordem natural, a existencia he abafada das sombras de huma prolongada, e não interrompida noite: naquellas Regiões amortece a vegetação, e parece que até se apagam todos os signaes de vitalidade. Tal era a nossa situação em que até se esvaeção, e se eclipsou o brilho das artes, e das sciencias, que tanto entre nós haviam florecido, que poderíamos até excitar a inveja dos mesmos Gregos, e Romanos. Os nossos movimentos politicos erão semelhantes aos ultimos arrancos precursores do final bocejo.

Porém, Senhor, a mão de Deos ainda está esten-

dida sobre este Reino... *aduc manus ejus extensa*. Nestas agonias, que parecem extremas, permaneceu o Povo de Israel pelo espaço de setenta annos no cativoiro de Babylo-nia. Mas nas paginas do livro eterno estava escrito este ora-culo: — *Quidico Jerusalem, edificaberis, et Templo, fun-daberis*. Aos olhos de Ezequiel se mostra hum vasto cam-po alastrado de seccos ossos, que ao sôpro avivador da bo-ca do Immortal se levantão, se organização, se reanimão. Vós, Senhor, reconheceis esta imagem, e nella devizais a milagrosa elevação ao Throno do vosso terceiro Avô o Se-nhor Rei D. João IV. He este o maior prodigio da Poli-tica, e do valor dos Portuguezes; talvez que exemplo uni-co na Historia do Mundo. Não cobrirão o terreno Portu-guez numerosos exercitos que venhão arrancar de nosso pescoço tão diuturno, e tão pezado jugo. Deos quer que se diminúa o exercito de Gedeão, que se reduzão a trezentos Soldados todas as suas forças para que a derrota de pode-rosos inimigos em tantos, e tão cerrados batalhões, se co-nhecesse que era obra da dextra do Altissimo, e não esfor-ço natural dos homens. Quarenta Portuguezes bastarão, e em huma hora só, he Portugal huma Soberania indepen-dente. Se foi milagrosa a instauração deste Reino na Pessoa de D. Affonso Henriques, muito mais prodigiosa foi a res-tauração do mesmo Reino na Augusta Pessoa do Senhor Rei D. João IV. Na instauração, arrancando-o do poder dos Sarracenos que dominavão a Lusitania; na restauração arrancando-o do colossal poder da Hespanha, que se esten-dia a ambos os Hemisferios. Oh Prodigio da Divina Bon-dade! Pois não he este ainda o seu maior, e mais singu-lar beneficio!

O genio infernal da conspiração, huma vez come-

gada no Ceo entre os rebeldes Anjos, não assombra que exhale tambem seus hálitos pestiferos na Terra, e se elle pôde entrar no Paraiso fechado pelas mãos de Deos para arruinar nossos primeiros pais, não assombra que viesse tambem infestar o nosso tão fiel e virtuoso Reino! Conspira-se contra o Rei Libertador; e quando todos os braços devião levantar-lhe hum Arco de Triunfo mais merecido que o de Septimio Severo, alguns se armão para o derrubarem do fastigio da herdada, e adquirida Soberania! Attenta-se contra a sua vida, mas não são aquelles que, metidos violentamente no centro da Hespanha, nunca lhes poderão metter a Hespanha dentro do coração. Senhor Deos de Eterna Misericordia, ouvi as vozes da totalidade do Povò Portuguez que vos clama: *Domine, Salvum fac Regem: et exaudi nós in die qua invocaverimus te.* Quando fechou Deos os ouvidos aos suspiros dos aflictos? Com hum sopró afugenta, e desfaz a condensada tempestade, e o Throno se firma para sempre no coração dos Leaes Portuguezes. Quando, Senhor, despregastes o braço da Cruz na mesma hora da acclamação deste Monarca dado por vós aos Portuguezés, eu creio que foi para assignar o Pacto que fazieis com a Dynastia de Bragança para lhe affiançardes a sua perpetuidade no Throno Portuguez. Póde acaso haver ainda beneficio mais prodigioso da Eterna Bondade do Senhor para com este Reino? Sim, ainda o descubro maior.

Para satisfação da sua ira, e expiação dos delictos dos homens, Deos mandou á Terra, e depois de haver remido os homens, hum Attila, hum Tótila, hum Genseric, hum Almansor, e hum Saladino, e a Terra, que emmudeceo na sua presença, foi hum lago de sangue. Mandou-lhe hum Mahomete 2.º, que assustasse, e ateino-

rizasse a Europa desde as ribeiras do Bosforo até as Ilhas do Atlantico. Penetrou do espirito de Conquista hum Carlos 5.º para baralhar os destinos de tantos Reinos da Europa. Faz sahir dos gelos da Escandinavia, como verdadeiro Rei dos Godos, e dos Vandalos, hum Gustavo Adolfo, que pelo espaço de trinta annos conserve a destruição, a assolação, e a morte no seio da mesma Europa. Mas quem são estes homens, quando nos lembramos do maior flagello da ira Divina nestes nossos ultimos, e calamitosos tempos? Napoleão, que aos funestos talentos de Cesar ajuntava o furor, a soberba, e os Exercitos de Xerxes!! He o pavoroso açoute de que Deos se serve para flagellar a Terra: he a vara de ferro com que rege, e castiga os homens, e que por fim o mesmo Deos quebrará quando se preencherem as medidas da sua Justiça. Neste homem podemos dizer, que se reunira á Revolução Franceza, para chover estragos, assolações, e ruinas no meio de todas as associações humanas. Nós formamos huma parte, e sobre nós cahio o maior pezo desta montanha convulsa, e despedaçada. Assim como os rios, que quanto mais se apartão da sua fonte maior impeto levão, e mais fartos de aguas, mais arrebatados vão em sua carreira, augmentando-se-lhe mais o impeto, o furor, o estampido quando chegão ao seu fim que he desaguar, e confundirse no Oceano; aszim tambem sobre nós trouxe maiores estragos, cahio com maior força o filho da Revolução, porque se aproximava ao seu fim; o maior golpe que nos ferio o centro do coração, na mais pérfida, na mais coharde, na mais assoladora de todas as invasões (eu não me quero lembrar de seus preparadores, e de seus instrumentos) foi a precipitada separação do nosso Augusto, e adorado Soberano. Elle não sahio dos limites do seu Im-

perio; mas chegasse lá com o seu poder, e não com a sua presença: com tudo, salve-se a sua vida, ainda que seja com o sacrificio da nossa orfandade. Depois de tão pezado castigo, que derramou sobre nós os mais lastimosos estragos, ficando-nos apenas intacta a honra Nacional, apparecerão, e se mostrarão as largas enchentes da Divina Misericordia; e onde tiuha superabundado a culpa, superabunde ainda mais a graça. *Exurgat Deus et dissipentur inimici ejus.* Com espanto da Europa em ferros, nós conseguimos primeiro a nossa liberdade, chamando Deos em soccorro de Portugal hũa Nação generosa, a quem com o indispensavel Senhorio dos mares, e com a vastidão de suas opulentissimas conquistas, quiz conceder tanta preponderancia em os destinos politicos da Europa. Se coadjuvando-nos em nossa causa tambem defendia os interesses da sua, nisto mesmo en descubro hũa impulsão da Providencia a beneficio nosso. Nenhuma dependencia (porque nada quero, tendo já o complemento de meus votos, que he hum lençol para a mortalha) nenhuma dependencia me arrancará da boca hum louvor; a conservação, e muitas vezes a liberdade de Portugal pendeo do immediato influxo da Grã-Bretanha, e isto desde o seu berço até agora. Toma El-Rei D. Affonso Henriques a Cidade de Lisboa aos Mouros, escala o propugnáculo do seu Castello! Intervem as forças Inglezas neste grande feito com aquella Esquadra que passava á conquista da Palestina. Firma El-Rei D. João I. a independencia sobre os despojos de hum exercito inimigo vencido, e destroçado; intervem o Duque de Lencastre, que foi depois Sogro do invicto Monarca. Restaura-se a Monarquia em 1640, intervem as forças Inglezas. E quem dissera, que até o Protector, ou Usurpador Cromwel concorreria para esta mes-

ma independência, e aceleraria a paz dos Pyreneos em que D. Luiz de Haro, e o Cardeal Mazzarini despregarão todos os tortuosos rodeios da Politica? Como Christãos, e Catholicos, reconhecamos em tudo a Divina Bondade naquelles prodigios que fomos admirando nesta E'poca, até ao exterminio do Tyranno da Europa, ou do Mundo com que se concedeo a paz á Europa. Não he este ainda, sendo tão grande, o maior beneficio da Bondade de Deos. Veio a este Reino de paz, e de Religião, o mais terrivel dos flagellos, á vista do qual todos os outros, nos parecem, não só supportaveis, mas pequenos. O horrivel flagello sacudido pelas mãos das Furias; nunca visto, nem sentido em Portugal, desconhecido a nossos maiores, que á similhança de hum incendio devastador ateado por toda a Europa veio dilatando suas consumidoras lavaredas até este ultimo Reino occidental da mesma Europa; vós sabeis que vos fallo dos frenesins das regenerações, a que corresponde a idéa da subversão de todos os edificios sociaes. Este nefando projecto, concebido no seio de huma errada, e anti-religiosa Filosofia, e feito abortar pelo desengano de tantos Povos por muito tempo illudidos, tinha por objecto, e por emprego, solapar os alicerces de todos os Thronos, e de todos os altares, e armado sempre contra Deos, levantar sobre as ruinas dos seus Templos os estandartes, ou os Troféos do Atheismo. Quanto pôde a insidiosa malicia dos falsos sabios do Mundo! Começarão de antemão a corromper os costumes, até ao ponto de poder dizer em seu coração o insipiente: não existe Deos; e derão a beber esta impia doutrina na taça da publica instrucção. Os pais quando esperavão receber seus filhos sabios no lar domestico, os acolhêrão impios. Assim disposta a materia combustivel, chegou o momento da explosão: vamos,

disserão elles, com o que tanto lisongeia a ínsita vaidade dos homens, fazer com sua ruina hum degráo para a nossa elevação, e universal dominio. A Hespanha nos dá o exemplo, e nos servirá de Escudo: se estalar a maquina do Estado, em seus dispersos pedaços acharemos os meios de nosso engradecimento. Pereção todos, e tudo, e subsistamos nós: chegou . . . eu não o declaro; acabe para sempre a sua memoria, e seja huma lacuna em nossos Fastos politicos o periodo de tres annos. Este volcão como abafado não tinha deixado de dar alguns signaes de que tinhamos sobre elle os nossos pés, e muitas vezes se nos fez ouvir o subterraneo trovão. Entrou em convulsões a Terra, rompeo-se a cima da montanha, estalarão as lavaredas, as lavas em vivo fogo começarão a derramar-se, e a tomar differentes direcções, levando por onde passavão a destruição, e a morte. Revolta-se, allucina-se, separa-se o immenso Brazil. Lá vai outra torrente de abrazado enxofre crestando, e esterilizando o terreno por onde passa: aqui esmorece, e se definha o commercio, além ficão sepultadas todas as artes filhas da industria, n'outra parte fica obstruida a navegação, aqui se eclipsa a grandeza, além apenas fica hum illusorio Fantasma da Soberania, mais além se sepulta, e suffoca o Direito sagrado da propriedade. Outra torrente de lava confunde, ou amortece aquellas Leis com cuja protecção tinha por tantos seculos prosperado o Reino. Novo diluvio de fogo bate já as paredes do sanctuario, e ficão dispersas as pedras que o formavão. O Grande Sacerdote se extermina, os Ministros do mesmo Sanctuario se perseguem, e se afugentão. *Dispersi sunt Lapidés Sancturii*. Huma alluvião de escritos Impios (cujos authores existem) similhantes áquella nuvem de insectos impuros, que o extatico Evangelista vio sahir do Poço do

abysmo, vem enlutar os horizontes da Igreja. Nova torrente alaga os costumes, e dá a impunidade ao crime: a impudencia alça a frente de bronze, e piza e insulta a mesma virtude, escarnece, persegue a honra, a probidade, a singeleza, a fidelidade antiga; taxa-se de acanhamento vil a mesma modestia, e para cumulo de extravagancia, ou de desgraça, mófa-se da Religião de Jesu Christo e da santidade do Baptismo; e manda-se acatar, e respeitar a Religião do juramento, extorquido pela força sobre injusta, e criminosa materia. Esta obra concebida na dor, devia produzir a iniquidade; elimine-se, e proscreeva-se o Pacto primordial, cujo fundamento he a Monarquia independente, absoluta, e hereditaria. Illudão-se os Póvos, e appareça o parto diabolico da malicia Filosofica, a quimera politica dos tres Poderes, e venha isto substituir o que nós já conheciamos, os tres Estados, mas com huma Cabeça livre, Soberana, e activa, que communique os movimentos a esta maquina tão vasta, e complicada, como he a associação dos homens no estado civil. Animados de principios Democraticos, que são como os elementos das Revoluções, estabeleça-se huma verdadeira Democracia, e como este salto seria insupportavel para o Povo Portuguez, porque considerado o Reino de Portugal, e as vastissimas conquistas, que o compõem, até geograficamente não pôde ser senão hum Estado Monarquico; no seio da rigorosa Democracia, qual vimos, appareça hum Rei entre o Poder Legislativo, e o Judiciario. Este intermedio no primeiro resultado he neutro, no segundo he nullo. Se toda a Nação he Soberana, segue-se que só haverá hum unico vassallo, que he aquelle a quem se manda executar os mandamentos desta Soberania: e o Descendente, e Legitimo herdeiro de Affonso I. que fundou o Reino, de D. João I. que

o salvou, de D. Manoel que o engrandecce, de D. João o IV. que o restaurou, será o simples executor da Soberana vontade popular, a quem no estado Democratico que vimos compete o exclusivo poder de legislar! E he ou póde ser Rei Portuguez quem não tem authoridade, não digo eu de promulgar, mas nem de sancionar as mesmas Leis?...

Já que esta materia he de sua natureza tão importante, permitta Vossa Magestade que eu rapidamente a trate com mais elucidação. Nós admiramos, e com razão, o Pacto Social da Inglaterra como hum apuro da prudencia, e da politica humana. Este Pacto funda-se no exacto equilibrio do poder dos tres Estados do Reino, e nasceo de tantas, e taes circumstancias que as podemos chamar variaveis infinitamente. As Leis Romanas, as Leis Ecclesiasticas, as Leis Feudales, os costumes Saxonios, Normandos, Dinamarquezes, os privilegios, e até as preoccupações, e pertenças de todas as Ordens, as guerras, as conquistas, as cruzadas; todas as virtudes, todos os vicios, todos os conhecimentos, todos os erros, todas as paixões, todos estes elementos, digo, obrando reciproca, e alternativamente, produzirão em fim o que vemos em Inglaterra; a unidade mais complicada, e o mais bello equilibrio de forças politicas tem formado a estabilidade, que podemos chamar moralmente indestructivel do vasto Imperio Britannico.

Este quadro, Senhor, que offereço aos vossos olhos, não he original, he huma copia. Original existio primeiro neste Reino. A convocação destes tres equilibrados corpos do Estado, que se chamão Cortes (estas não podem existir, nem ter este nome, sem que lhe presida a

authoridade independente do Soberano) he a primeira atribuição da Realeza desde o berço da Monarquia. Eu não posso chamar Cortes, e nunca chamei Cortes a este tumultuoso, e illegal ajuntamento de Demagogos, de que por hum rasgo da Providencia fui excluido, e nelle não poderia entrar sem esta Deviza — Ou a verdade, ou o silencio. —

Esta simples pintura, que acabo de fazer, mostra em vivas, e indeleveis cores, que fôra o maior mal, a mais miseranda catástrofe que sentira este Reino em sete seculos de sua existencia. Pezemos isto nas balanças do Santuario, e cheguemos com o discurso á resolução do mais extraordinario Problema. Pai de Misericordias, e Senhor Deos de toda a consolação, como he possivel, que hajais permittido que este horrivel flagello tanto pezasse sobre este Reino, que he herança vossa? Tantos golpes aos Portuguezes, que vos conhecem, que vos adorão, que seguem a vossa Lei, e que a levãrão até aos ultimos confins da Terra conhecida! Tantas desventuras sobre esta Nação onde a pureza da Fé nunca jámais foi obscurecida com a carregada sombra da Heresia, e que he ella mesma hum vivo argumento da perpetuidade da Fé em todos os Dogmas, em todos os mysterios daquella Religião, que he a herança successiva que lhe foi transmittida de seus primeiros Fundadores!... *Effunde iram tuam in Gentes quæ te non noverunt.* Derramai a vossa ira entre aquellas Nações que vos não conhecem, que vos não adorão, que até vos desprezão. Contemplai, Senhor, do alto de vosso Throno aquelles Povos, ou aquelles homens, soberbos, altivos, e deslumbrados com o falso clarão da humana sapiencia, que medem com o mentido compasso do seu entendimento a

profundidade dos vossos mysterios impenetraveis, que pretendem limitar a vossa incircumscripção Omnipotencia; considerai aquelles impios que negão a vossa existencia, que tratão como repugnante a vossa Religião, insensato o vosso culto, supersticiosas, e gentilicas as ceremonias do vosso Sanetuario, que olhão como invenção humana, e parto da Politica dos Tyrannos da Terra, a vossa Divina Revelação: sobre estes, Senhor, derramai em torrentes a vossa ira. *Effunde iram tuam in gentes quæ te non noverunt.* Fazei, que esses incendios revolucionarios se atêem, e se dilatem no meio desses Imperios barbaros, inimigos, e perseguidores do nome Christão, que pizão com profano pé os lugares que em vossa Missão Divina sanctificastes com vossa presença, e onde inda existe o vosso Sepulcro... Mas contra os Portuguezes! Os Portuguezes!! Isto, Senhor, parece opposto, não só á vossa Misericordia, mas até á vossa mesma Justiça. Sede hum Deos de bondade para quem vos ama; hum Deos irado para quem vos aborrece...

Chegamos, Senhor, com o raciocinio á solução do Grande Problema; que todos tem antevisto, e do qual estão pendentes. Seja o Evangelho quem o resolva, e o Grande Agostinho quem o authorise. Aos pés do filho de Deos trouxerão, e guiárão hum miseravel cégo de nascimento, e imaginando haver contradicção nos principios da Eterna Justiça, lhe disserão desta maneira: — *Quid peccavit iste, aut parentes ejus ut cæcus nasceretur?* Em que peccou este, em que delinquirão seus pais para nascer cégo, e sentir huma pena, não havendo commettido huma culpa? Eis-aqui a resposta do Redemptor, isto he, o Oraculo da Divina sabedoria: Nem este peccou, nem delin-

quirão seus pais: nasceo cego, para se manifestarem nelle as maravilhas do Altissimo. Santo Agostinho para expôr mais claramente este arcano da Providencia, diz com seu profundo Juizo — *Melius judicavit de malis bona facere, quam malâ nulla esse permittere.* — Quiz antes convertêr o mal em bem, que não permittir que existisse o mal. Quiz fazer ostentação da sua misericordia, fazendo-nos sentir primeiro a sua justiça, e assim como premitto o maior de todos os males para Portugal, assim tambem lhe quiz fazer, em huma restauração, que he unicamente de Deos, o maior de todos os beneficios. *Exurgat Deus, et dissipentur inimici ejus, et fugiant, qui oderunt cum a facie ejus.* Levante-se o Senhor, e seus inimigos ficarão dissipados, e da sua presença fugirão todos os que o aborreção.

Ah! Póde Vossa Magestade sentado em seu Throno independente dizer aquillo mesmo que dizia David, livre, Senhor, de identieas circumstancias: *confundantur, et revereantur, qui volunt mihi mala.* Fiquem para sempre confundidos, tímidos, e envergonhados os que attentarão contra os sagrados direitos da Soberania, e contra a felicidade, e ventura dos Povos. E onde estão estes impios? *Tanquam vas figuli confringes eos.* A mão da Justiça Divina os despedaçou, e reduzio a pó, como vaso de fragil, e quebradiço barro.

Está reconhecido pela experiencia, pelos testemunhos da Historia, pelos dictames da natural razão, e pela authoridade dos sagrados oráculos, que este he o maior beneficio que recebemos das mãos da Divina Misericordia. Deos mandou o auxilio de seu santo Throno, e desde Sião

Celestial elle se dignou defender-nos. Elle não prescreveo, e destinou os sacrificios na antiga Alliança, senão para servirem de testemunho do agradecimento de seu Povo á effusão continua de seus beneficios, acceitando em compensação até a Hostia do Louvor, *Hostiam Laudis*. O nosso reconhecimento deve ser patente; mas assignalallo!! Eis-aqui a maior difficuldade. Fixemos hum pouco a contemplação sobre este objecto, que he para nós de summo, e de primeiro interesse.

Todos os nossos males, todo o peso e extensão de desgraças de que fomos victimas, todo o transtorno, todo o abalo do nosso edificio social, nasceo daquillo a que a desorganizadora Filosofia chama — Regeneração Politica —, insidioso, e ruinoso projecto com que a impiedade pretende dar nova face ao Mundo, novas Leis aos homens, novos ataques á Religião, quaes não havia sentido desde quando a divergencia das erradas opiniões pretendeo destruir a sua unidade. Regeneração Politica; machado applicado ás raizes da arvore social para a arrancar, e destruir de todo. Regeneração Politica; venda funesta com que se tapá-ram os olhos de tantos incautos, que não quizerão, ou não souberão conhecer as ruinas que havia conduzido, e consigo trazido á França, a Napoles, ao Piemonte, á Hespanha, que em ultimo lugar pôde pela misericordia de Deos despedaçar o vergonhoso jugo da sua escravidão. Regeneração Politica; cega e profundissima voragem em que se précipitão e submergem Thronos, Altares, Leis, costumes, Soberania, independencia, liberdade, thesouros, e representação de todos os Povos. Deste abysmo nos livrou a Bondade infinita do nosso Redemptor. Quer hum agradecimento em que a sua gloria esteja unida á nossa ventu-

ra. Agradecemos pois a Deos o beneficio de nos livrar de huma Regeneração Politica com huma *Regeneração moral*, que abranja, e comprehenda em si todas as classes da Monarquia. Grandes do Reino, vós sois o sustentáculo, e o ornamento do Throno: Monarquia, e Nobreza são inseparaveis; a Magestade Real deve ser acompanhada do apparato de huma grande Corte; vós a formais, e vossos Advogados lhes derão com suas acções, e façanhas o maior lustre: sêde vós quaes elles forão, e vêde que se abris ouvidos ás innovadoras doutrinas, cavais o vosso mesmo sepulcro; o exterminio de vossa classe he hum dos primeiros votos da Revolução Politica. Seja com vosco Portugal, qual era, e não qual querião agora que elle fosse. Daqui a pouco tornareis aos vossos Palacios, volvei os olhos a esses Quadros, que adereção as vossas salas. Que achareis? Aqui o retrato venerando de hum Guerreiro, que tendo por tymbre a honra, e o amor da Patria foi descobrir, e conquistar o Oriente; alli achareis outro escalando as muralhas de Tangere, e de Arzila, outro defendendo valorosamente as de Ceuta, outro triunfante em Aljubarrota, outro fazendo levantar as formidaveis Linhas d'Elvas, outro triunfando em Montes-Claros. Continuai neste exame vós, descendentes dos quarenta Acclamadores, vereis como elles no espaço de huma hora acabárão hum feito, para cuja conclusão parece não bastaria hum seculo de trabalhos. Demorai-vos ainda hum momento nesses vastos salões, vede as imagens dos raios da Guerra pelos Imperios da Asia: este sobe os muros de Ormuz, aquelles defendêrão em dois apertadissimos cercos a Fortaleza de Dio, o mais illustre Trofeo do esforço Portuguez; este reconquistou duas vezes Goa, senhorêa Malaca, e offusca a gloria de Alexandre. Vede outros presidindo aos Tribunaes, e ad-

ministrando a Justiça, outros ao lado do Rei, e Preceptores illustradissimos de seus filhos; aquelles mudos retratos, ou reprehendem vossas accções, ou vos assignalão com o exemplo a estrada, que deveis seguir. Não sereis seus filhos, e seus netos, senão fordes semelhantes a elles na lealdade, e na honra: sem a vossa Regeneração moral, não se remedião os estragos da Politica.

Ecclesiasticos de todas as Classes, no Claustro, e fóra do Claustro, vede que em vossas mãos estão constituídas as sortes da Nação toda. Bispos, successores dos Apostolos, S. Paulo vos manda ser irreprehensiveis, e sem esta qualidade, não sois verdadeiros Pastores; a sciencia, e a virtude, eis-aqui as bazes da vossa Grandeza. Na Cadeira de Moysés se sentarão muitos Pariseos, e Escribas, diz Jesu Christo, na Cadeira do Evangelho, senta-se a sciencia, o zelo, e a humildade. Vede como forão assumptos ao Episcopado em Milão Ambrosio, em Hyponia Agostinho. Basilio, e Nazianzeno não forão tirados da Corte, mas do Ermo. Ecclesiasticos, assim como sois Pastores do Povo para o guiar, deveis ser Mestres para o instruir, e o Sacerdocio sem costumes, e sem instrucção torna-se o opprobrio da Igreja, e o escandalo do Mundo. Regenerai-vos, mas pela Divina Misericordia para huma esperança viva, como quer o Apostolo S. Pedro, da felicidade dos Povos, que em vós tem fitos os olhos, e vos fazem modelos das suas accções.

Exercito Portuguez! Exercito Portuguez!! Esta palavra he o Synonimo do valor, da fidelidade, da honra, e do verdadeiro, e não Filosofico Patriotismo: vós sois os filhos primogenitos da Nação; vós fostes sempre o susten-

título da Soberania, e da independencia. O vosso juramento vos manda sustentar o Reino, e não destruí-lo: as Bandeiras sobre as quaes destes o vosso primeiro juramento, ainda são as mesmas, ainda não variarão, e a estabilidade do vosso juramento deve andar a par da conservação daquelles signaes da vossa gloria. Onde não era conhecido o principio da legitimidade hereditaria, como o não era entre as Legiões Romanas, fosse embora o vacillante Governo electivo sustentado pela preponderancia das armas, e hum General Pretoriano levantasse a voz, e a espada para sustentar hum Throno; em poucos dias appareção sobre o mesmo Throno, Galba, Vitelio, Commodo, e Caracalla. O Exercito Portuguez defendeo, manteve sempre o Solio herdado, e quando se tratou de o defender, naquelle mesmo momento, acabarão todos os desgostos, todas as divergencias. Pelejai, eu não quero que se vos cubra de ferrugem a espada, mas em defensa da Religião, em defensa do Throno: sois poucos, he verdade, poucos domarão as forças do Hidalção na Asia, poucos vencêrão, e afugentárão os muitos Soldados de Napoleão (os Soldados de Napoleão não erão Soldados Francezes...) Pelejai, e senão tiverdes que oppor mais do que o peito descoberto, este mesmo será hum muro de bronze inaccessible aos nossos inimigos. Vede, vede, que os Revolucionarios só vos querem em quanto vos julgão preeizos para se firmarem na dominação, e esmagarem os Povos. Não deixeis penetrar a sedução por entre as vossas fileiras. Vede o que vos mostram os vossos Estandartes; são as Chagas de Christo; pois defendei a vossa Religião; forão dadas aos vossos Monarcas; pois defendei seu Throno. Nunca vos vio o inimigo as costas; pois nunca mostreis a frente manchada com a sombra da infidelidade, e dai ao Mundo o espectaculo digno da

nossa Patria, e fazei ver, que em quanto existir hum Soldado Portuguez, existirá o Altar, o Throno, a Honra, a Lealdade, e a Victoria.

Guardas, e executores das Leis, se tendes a espada da Justiça nas mãos, lembrai-vos que tendes imminente ás vossas cabeças a da Justiça de Deos. Sem vós, não pôde haver sociedade perfeita, e de vós pende a felicidade do Povo. *Erudimini, qui judicatis Terram.* Instrui-vos, vós que julgais a Terra; mas em que doutrina? Eu vos conheço sábios, e instruidos; vós possuis todos os conhecimentos no vastissimo corpo da Legislação. Inquirís como verdadeiros sábios a sciencia de todos os antigos Legisladores. *Sapientiam omnium antiquorum exquiret Sapiens.* Conheceis que Pactos sociaes tenham até agora obrigado, e ligado as Nações, sabeis qual fora a frugalidade de Esparta, a sapiencia de Athenas, a magestade de Roma; sabeis como o Direito Romano, depois da invasão dos Barbaros se alteára, ou ampliára pela dominação Góthica; possuis todos os thesouros da Legislação Patria; mas tudo será inutil em vós para a direcção, e ordem do Governo civil que vos he confiado, se ignorardes hum unico oraculo das Santas Escrituras, e com que Deos vos ameaça: — *Ego Justitias judicabo*, eu julgarei as mesmas Justiças: vós julgais os homens, Deos vos julgará a vós, e se a vossa sciencia começar pelo temor deste imparcial Juiz, sereis verdadeiramente sabios, porque sereis verdadeiramente rectos.

Mocidade Portugueza, esperança, e consolação da Patria, vós que sois os elementos da futura gloria, e felicidade da Nação, vós que haveis de substituir a presente geração, vós que haveis de occupar todos os lugares, e

exercer todos os empregos, lembrai-vos, que todas as sciencias do Mundo não valem huma virtude, e que não deveis ir ao fóco dos conhecimentos, e ao magisterio das luzes, para adquirir letras, e perder a innocencia. Lembrai-vos que a impiedade não he sciencia. Que desgraça!! Perder a moral domestica, a doutrina paternal, quando entraes a ser alumnos da instrucção publica! Que lastima dos nossos tempos! Eu o tenho observado, muitas vezes com o riso, e muitas mais com profunda tristeza! Não ha hum mancebo, que ao acabar o curriculum do primeiro anno em huma Universidade não venha para a casa paterna persuadido que póde fazer duas coisas, huma Constituição, e hum Mundo. A do seu paiz não lhe agrada, e a architectura do Mundo não o contenta. Buscai nisto, e achareis o principio das Revoluções, e do Atheismo. He esta materia de tanta transcendencia, que eu não posso deixar de fazer fallar hum sabio Alemão, Campe, sobre as Universidades do seu Paiz: = Todas as Universidades de Alemanha tem necessidade de grandes reformas no artigo — *Costumes*. — As melhores são huma voragem em que se perdem sem remedio a innocencia, a saude, e a felicidade futura de huma multidão de mancebos, e donde sahem Entes estragados n'alma, e no corpo para servirem mais de pezo que de vantagem á sociedade. = Ah! praza aos Ceos que na fachada da nossa Universidade se podesse ainda algum dia gravar esta Inscricção — *Medicina da Alma* — e que alli mais se corrigisse o coração, que se illustrasse o Espirito!!!

Povo Portuguez de todas as classes, eu tenho concluido! Povo Portuguez, não percaes este nome. Ha sete seculos elle he, torno a dizer, o synonimo da gloria, e da

virtude. Reconhecei a mão de Deos que obrou tão grande prodigio, permittindo que a sentença da nossa Liberdade senão escrevesse com sangue. Merecei a continuação dos Divinos beneficios na espantosa lição que se acaba de vos dar. Escutai a voz do Céu nos resultados da sacrilega Regeneração Política. Acabaria a vossa existencia, se Deos tão promptamente vos não acodisse. Foi vosso pai, e ouviu os clamores de seus filhos, foi vosso Pastor, e já vos pôz no caminho da felicidade. Obedecei a Deos, e obedeci ao Rei. Nos Ceos está o exemplar da Soberania, na Terra a copia. Vede-a, e conhecereis impressas em seu rosto, a misericordia, a piedade, a Religião, e a paz, e podeis dizer = *Rex pacificus datus est nobis*: o Senhor nos concedeo hum Rei pacífico, que não faz outra supplica a Deos, que não seja a de Salomão — *Dabis servo tuo cor docile*. Dai, Senhor, ao vosso servo hum coração docil. Assim o experimentamos. A regra da sua Política, he a regra da Religião; porque não ha Sciencia, não ha Prudencia, não ha Magestade, não ha Poder, não ha Soberania, que não venha immediatamente de Deos. Com estes sentimentos, e com estes principios sereis verdadeiros Portuguezes. Deos acceitará de vossas mãos este tributo de louvor, e agradecendo seus beneficios, seguindo a regra do Evangelho, virá sobre vós a paz, e a misericordia. A Patria será salva, e vós sereis felizes na Terra, e eternamente bemaventurados no Ceo.

## D I S S E.

## E R R A T A S.

Pag. 6 lin. 5 ao mesmo Deos; lea-se, do mesmo Deos = pag. 10 lin. 9 e 10 Eufrotas; lea-se, Eufrates = pag. 11 lin. 29 e nesta lista; lea-se, e nesta Luta = pag. 13 lin. 10 as mesmas cousas; lea-se, as mesmas causas = pag. 15 lin. 25 que huma; lea-se, que em huma: lin. 29 mesmos valles; mesmos vallos = pag. 23 lin. 1.<sup>a</sup> *et Deus*; lea-se; *aduc* = pag. 24 lin. 2 da Terra; lea-se, na Terra: lin. 10, mas são; lea-se, mas não são.